



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

Como A Construção De Gênero Molda A Sociedade?

Júlia Figueiredo Costa, São Lucas JPR,

juliafi.jc@gmail.com

Raquel Páscoa Da Veiga Frade Santana, São Lucas JPR,

raquel.santana@saolucasjiparana.edu.br

Aline Nayara Garcia Guimarães, São Lucas JPR,

aline.guimaraes@saolucasjiparana.edu.br

INTRODUÇÃO: A sociedade brasileira é reflexo de séculos de história, preconceitos, ódio e desigualdades. Neste contexto, é possível compreender as dificuldades relacionadas ao gênero enfrentadas na sociedade contemporânea. Além disso, questões relacionadas a papéis de gênero são cada vez menos debatidas levando uma grande parcela da população à desinformação. Sendo assim, é necessário abordar o assunto, para que verdade e consciência cheguem à população, pois como diz Malala Yousafzai “Com armas, você pode matar terroristas. Com educação, você pode acabar com o terrorismo”. Conseqüentemente, a proposta da pesquisa visa, a partir de uma revisão literária, criar reflexões sobre como a sociedade é impactada pela construção de gênero. **OBJETIVO:** Assim, o objetivo consiste em refletir a respeito de como a construção de gênero molda uma sociedade, visando informar a população a respeito de opiniões disfarçadas de preconceitos ou discursos de ódio. Dessa forma, abre-se espaço para questionamentos reflexivos, buscando profundidade sobre determinadas falas e opiniões, contribuindo assim para a diminuição do preconceito. **MATERIAL E MÉTODOS:** Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, a partir da literatura: “Menino veste azul, menina veste rosa: uma reflexão sobre as relações de gênero reforçadas na educação infantil”, de Dalila Maitê Rosa Cena, Jaíne Teixeira da Fraga e João Guilherme Rodrigues Mendonça (2020), “A história das relações de gênero, histórias em construção” de Diogo da Silva Raiz (2011) e “Os garotos do cemitério” de Aiden Thomas (2020), sendo a última uma narrativa sobre a trajetória de um homem trans dentro de uma comunidade com fortes papéis de gênero. Utilizou-se a



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

plataforma “Google Acadêmico”, obtendo resultados entre os anos de 2011 e 2020. Os descritores utilizados foram: “construção de gênero”. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** É inegável que a construção de gênero molda a sociedade contemporânea, visível quando um adulto chega para uma criança e fala que carrinhos são para meninos e bonecas e panelas para meninas, que rosa é para meninas e azul para meninos. Essa distinção e separação entre os dois começa a delinear a construção de papéis de gênero, sem permitir uma oscilação, começando, muitas vezes, antes sequer da criança nascer, por exemplo, no chá revelação, onde é feita uma festa para descobrir o gênero da criança. “O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado. Pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história. Assoberto do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido”. (BUTLER, 2011, p. 87). Olhar por essa perspectiva é algo desafiador pois desestabiliza crenças e costumes enraizados na sociedade. Porém, o que acontece se essa reflexão não for feita, como afetará os futuros adultos e atuais crianças? Quando uma criança não desempenha o papel social estabelecido, o preconceito começa. A partir de então apelidos ofensivos serão direcionados à criança como, por exemplo, “aquele menino é muito sensível, nunca vai ser um homem de verdade”, “menina macho, só faz coisas de homem”, “aquele garoto está brincando de boneca? Veadinho”, “menina, se você continuar fazendo coisas de meninos, nenhum garoto vai te querer” (THOMAS, 2020). A construção de gênero afeta com maior proporcionalidade as mulheres que, socialmente e historicamente, sempre foram vistas como inferiores e incapazes em relação aos homens, estando, muitas vezes, condicionadas e dependentes de um homem, sentindo-se menos capazes em qualquer área que pretendem desempenhar, e isso é refletido, atualmente, no sexismo, machismo e violência direcionada às mulheres (RAIZ, 2011, pág. 1012). Falar para um menino que ele não pode brincar com bonecas porque é coisa de menina, impede a construção social de um pai capaz de cuidar de uma criança no futuro. Falar que um menino é muito sensível e que isso é coisa de menininha impede o desenvolvimento de sentimentos de forma saudável. Portanto, quando essas falas são reproduzidas, reafirmam uma estrutura de masculinidade frágil e tóxica, plantando, assim, uma semente de preconceitos, ensinando a esses meninos que qualquer coisa que desafie sua “masculinidade” é uma ameaça e deve ser vista com medo, ódio e desprezo (SENA; FRANGA E MENDONÇA, 2020, pág. 580). Na base do preconceito está o medo que muito facilmente se transforma em ódio. As pessoas julgam o que não conhecem ou o que não querem entender. O medo que essas pessoas sentem é tão intenso que as incentiva



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

a cometer atos extremos de violência, tortura e morte, sendo que ninguém nasce odiando pessoas de outro gênero, cor, etnia ou sexualidade, mas muitas pessoas são ensinadas deste modo. **CONCLUSÃO:** Portanto, perante estas reflexões, fica visível como “pequenas falas” ajudam a reforçar grandes preconceitos, que se tornam estruturais da sociedade, sendo necessário repensar e refletir a construção de gênero, pois o indivíduo pode-se construir a partir do feminino, masculino, dos dois ou nenhum deles. A sociedade deve refletir a respeito dos papéis de gênero para que assim fique possível rever ações e práticas que reforçam preconceito, discriminação e ódio.

Palavras-chave: Construção. Gênero. Sociedade. Tóxica.